

68



P. 370

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DUTCHMAN - O PODER NEGRO - Le Roi Jones

LEROI JONES

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

PROC.-	370
LIV.-	01
PAG.-	12
REG.-	378

Distribuição

Corinthians

INTERDIÇÃO

070268

— 0 —

José Augusto

18 c/ Cortes

120268

— 0 —

Marabutu

14 c/ Cortes

18 c/ subdistribuição

010268

— 0 —

67

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0047, P-2
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL - GB

005709 26 JAN 68
038

MEM.º N.º

Data: 24/01/68

Do: Chefe da Seção de Censura Federal-DR/GB

Para: Sr. Chefe de SCDP-Brasília

Assunto: Documentos (encaminha)

Senher Chefe,

Encaminhe a V. Sa. em anexo es documentos abaixo relacionados e entregues nesta Seção per meio de requerimento protocolado sob e número 0567, de 19.01.68, material êsse solicitação pelo S.C.D.P.:

- 1) Uma carta para o Censor José A. Costa,
- 2) Uma carta para e sr. Francisco M. de Souza, e
- 3) Um original da obra DUTCHMÁN, de Le Rei Jones.

Atenciosamente

[Assinatura]

Chefe da Sec de Censura-DR/GB

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI JUN 26 10 1968 AS 18 HS.

ASS

[Assinatura]

CHIEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSRR)



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

S. Paulo, 15 de janeiro de 1968

Ilmo. Sr.

Francisco Martins de Souza
Teatro Oficina

Prezado Consócio:

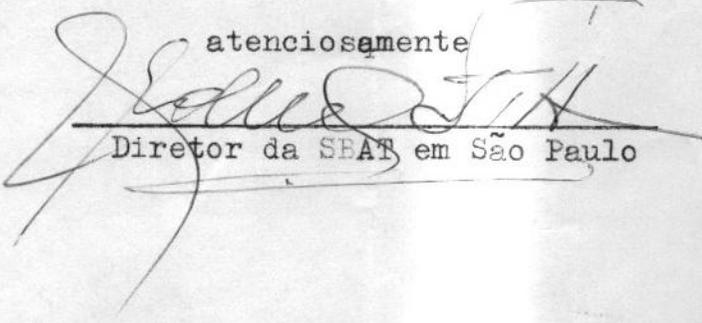
Comunicamos a V.Sa. para os devidos fins que, esta Sociedade recebeu um pedido firmado por V.Sa. para traduzir a peça DUTCHMAN - (O PODER NEGRO) de Le Roi Jones, e que encaminhou êsse pedido ao Agente do Autor a fim de que êste possa estipular as condições mediante as quais autorizaria essa peça para o Brasil.

Não temos dúvida alguma em declarar que está consignado nesta Sociedade o pedido de tradução feito por V.Sa., mas devemos advertir como já o fizemos por carta de 15-12-67, que a autorização para representação só poderá ser concedida depois que o autor tiver se manifestado a respeito e que V.Sa. tenha aceito e assinado o respectivo contrato.

Poderá V.Sa. fazer uso desta carta junto das Autoridades da Censura Federal, no caso de desejar fazer por sua conta e risco a tradução da peça em questão, antes da chegada da autorização do autor, se assim julgar conveniente aos seus interesses, obtendo uma aprovação preliminar das Autoridades da Censura, restando então, a autorização do autor para que a peça possa ser então representada no Brasil.

Sendo só o que se nos oferece para o momento, firmamo-nos

atenciosamente


Diretor da SBAT em São Paulo

Ilmo. Sr.

Chefe da Seção de Censura Federal - Guanabara

*Encaminha-se a J.C.D.P. -
Brasília. 24/1/68.
E. J. P. S. J. R.*

SERGIO ALEX CONSTANT DE ALMEIDA, administrador da Sociedade Civil Cultural Teatro Oficina, solicita de V.S. o encaminhamento de uma carta ao Sr. José Augusto da Costa-Chefe da TCTC de Brasília, uma outra carta da SBAT-SP dirigida ao Sr. Francisco Martins de Souza, e de um original da peça "DUTCHMAN", de LeRoi Jones para o SCDP-Brasília, conforme exigência daquele serviço.

*Encaminhado de
acôrdo com o despacho supra;
atavés do mem. n.º 038/68.
Em 25-j-68.
Almeida*

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1968

Sergio Alex Constant de Almeida.

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB	
SEÇÃO CENSURA FEDERAL	
PROTOCOLO N.º	0567
DATA	19/1/1968
ASSINATURA	

Brasília, 11 de dezembro de 1967

Senhor Chefe,

Em cumprimento ao que determina a legislação em vigor, encaminhamos à V.Sa. 3 (três) cópias da peça teatral "O METRÔ FANTASMA", de Le Roi Jones em tradução de Francisco Martins, a fim de ser censurada para posteriores apresentações pela SOCIEDADE CIVIL CULTURAL TEATRO OFICINA (rua Jaceguai, 520 - São Paulo - S.P.)

Com os protestos de estima e distinguida consideração, subscrevemo-nos atenciosamente.

Carlos Pereira de Miranda
P/Sociedade Civil Cultural Teatro Oficina
São Paulo

Ao
Ilmo. Sr.
Dr. Antônio Romero Lago
DD Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Ed. do BNDE - 4º andar
Nesta

INTERDITADA

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 7064
Em 11/12/1967
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em _____ de _____ de 19____

D U T C H M A N

Le Roi Jones

Tradução: Francisco Martins

(Título provável em português:

"METRO-FANTASMA")

O poder negro (ver Folha de S. P. de 14-dez-67)

Interditado;
por conter termos
de baixo calão,
explorar do caráter
do imoral e a
tentativo ao de-
côr público.

Em 12.12.67
[Signature]
(Censur Federal 2095823)

do clube da Câmara de Censura
policia o texto de original
a autorizados da SBAt.
em 22/12/67
[Signature]

NOTA SOBRE O AUTOR:

Le Roi Jones é um dos mais expressivos escritores negros dos Estados Unidos. Reside em New York e é professor na Nova Escola de Pesquisa Social. Foi o fundador de diversas revistas literárias norte-americanas, principalmente dedicadas à poesia. Esteve ligado às campanhas em favor do negro norte-americano durante o governo do presidente John Kennedy. Para o teatro escreveu "O Escravo" e "Dutchman" (título de difícil tradução para o estrangeiro, pois significa literalmente "Holandês", mas na verdade se refere à uma expressão idiomática, significando o "não-integrado"; o título provável, sujeito ainda a modificação, no Brasil, é "METRO-FANTASMA", título usado na representação da peça na França). Esta última valeu-lhe consagração universal como autor de teatro, alcançando expressivo sucesso nos Estados Unidos, depois em Londres, Roma, Milão e Paris. É LeRoi Jones é autor de diversos estudos sobre a música norte-americana, sobre o jazz e os blues. Um deles, recentemente editado no Brasil: "O Jazz e sua influência na cultura Americana". É considerado nos Estados Unidos um dos mais vigorosos poetas de nemento.

PERSONAGENS:

-2-

CLAY, negro, 20 anos
 LULA, mulher branca, 30 anos
 JOVEM NEGRO
 COBRADOR
 PASSAGEIROS (brancos e negros)

.....

No ventre volante da cidade. Calor escaldante. Verão.

CENA I - Ao abrir a cena, um homem está sentado num banco de vagão, segurando uma revista, mas olhando vagamente por cima das páginas. De vez em quando, com o mesmo olhar vago, olha pela janela, à direita. Luzes fracas e escuridão passam, alternadamente pelo lado de fora das janelas. (Ou misturar luzes sobre as janelas do trem e movimentá-las, fracas e vacilantes. Mas dar a sensação de velocidade. Mostrar, também, de relance, as estações, se o trem parar, as luzes e a atividade dessas estações.) O homem está sentado, sozinho, ou melhor, apenas o seu banco é visível, embora os outros detalhes de vagão também estejam presentes, como um verdadeiro vagão de trem subterrâneo. Porém, só o seu banco é ~~visível~~ mostrado.

Pode-se ouvir, quando a peça inicia, durante um certo tempo, um forte apito de trem. O mesmo apito poderá ser ouvido novamente, no decorrer da peça, ou continuar em tom mais baixo, assim que o diálogo começar.

O trem diminui a marcha depois de algum tempo e para numa das estações. O homem levanta os olhos da revista, preguiçosamente, e vê um rosto de mulher olhando-o fixamente do outro lado do vidro; ela, quando percebe que o homem a está olhando, sorri deliberadamente. O homem também sorrí, por um momento, numa reação involuntária, quase instintiva.

Cria-se um clima incômodo de embarço e ele devia o olhar do rosto da mulher, e, nesse momento, o trem começa a andar e a mulher vai ficando para trás. Ele se volta no banco para olhar da outra janela e a plataforma vai desaparecendo aos poucos.

Ele sorri, com certa confiança, antegozando intimamente o prazer que a lembrança desse rápido encontro possa lhe dar.

E volta de novo à modorra.

Apito de trem. Luzes brilham do lado de fora das janelas.

LULA, a mulher entra pelo fundo do vagão, com um vestido alegre de verão, justíssimo, calça sandálias. Trás uma sacola cheia de livros, frutas e vários outros objetos. Usa óculos escuros, que a todo o momento puxa para a testa. Lula é uma linda mulher, alta, esbelta, com longos cabelos ruivos caindo pelas costas. Como pintura usa apenas um baton berrante.

Come uma maçã, delicadamente.

Caminha na direção de Clay.

Pára em frente ao banco dele e se apoia lânguidamente na correia do teto, tentando ainda comer a maçã. Fica evidente que ela tenta sentar-se ao lado dele e que está esperando apenas uma deixa para que possa sentar-se.

Clay continua como antes, o olhar perdido além da revista, uma vez ou outra se abanando, num vão esforço de afastar o calor. Percebe a mulher ao seu lado, olha para ela e sorri, surpreso.

LULA - Oi...

CLAY - Oi, como vai?

LULA - Posso sentar?

CLAY - Claro!

LULA - (Acomoda-se no banco, estica as pernas, como se sentisse o peso do corpo) Uff!...Estou muito gorda!

CLAY - Pois eu não ache... (Reconhece-a, afasta-se ligeiramente surpreso, talvez tenso)

LULA - Estou, sim. (Ela mexe com os dedos dentro da sandália e coloca a perna direita sobre o joelho esquerdo, para poder ver melhor a sola da sandália e o salto. Nessa atitude, parece nem notar a presença de Clay e nem que falou com ele há pouco. Clay volta-se para a sua revista e depois fica olhando para o escuro, lá fora) Escuta aqui, você não estava me encarando aí da janela, agora há pouco?

CLAY - (voltando-se) tenso) O que?!

LULA - Não era você que estava me encarando aí da janela, na última parada?

CLAY - Encarando você? Como?!

- LULA - Vai me enganar que você não sabe o que quer dizer "encarar" ?...
- CLAY - Eu "vi" você aqui da janela, - se é isso que quer dizer. Não sei se estava "encarando". Tenho a impressão que aconteceu justamente o contrário: você é que estava me encarando.
- LULA - É, estava, Mas, só encarei, quando reparei que você estava me olhando, ou melhor, estava olhando pra minha bunda e as minhas pernas...
- CLAY - Não diga!
- LULA - Digo, sim. Acho que era um desses olhares distraídos, sabe, de quem não tem nada que fazer. Passear o olhar sobre a carne alheia.
- LULA - Tá bem, admito que estava olhando na sua direção, mas quanto a esse detalhe da sua anatomia, isso é versão sua.
- LULA - Pode ser.
- CLAY - É. Esse negócio de ficar olhando pelas janelas dos trens é meio perigoso. Mais perigoso e estranho do que ficar olhando seriamente pra bundas abstratas. LULA - E foi por isso mesmo que olhei para você de lado de fora - pra que você pelo menos visse alguma coisa de agradável. Até sorri pra você, não foi?
- CLAY - Isso é verdade.
- LULA - Peguei o trem que não era o meu e vim pelo corredor procurando você.
- CLAY - Sério? Que gozado!
- LULA - "Que gozado"!... Puxa, você é cuate.
- CLAY - Bom, então me desculpe, minha senhora. Eu não estava preparado pra esse tipo de conversa de salão.
- LULA - É, tem razão. E pra que é que você está preparado? (Embrulha o resto da maçã num papel "Yes" e joga no chão.)
- CLAY - (Interpreta a pergunta dela como uma cantada) Eu?... Eu estou preparado pra qualquer coisa... e você?
- LULA - (Rí alto e corta o riso, de repente) Que é que você acha que está fazendo?
- CLAY - Hein?
- LULA - Tá pensando que eu quero que você me leve pra algum lugar pra ~~trepar com você~~, hein? **COM CORTES**
- CLAY - Ah, eu dei essa impressão, é?
- LULA - Não. A impressão que você me dá é que está deixando a barba crescer. Isso mesmo. Deixando a barba crescer. Que mora em New Jersey com papai e mamãe e está deixando a barbinha crescer... Que andou lendo poesia chinesa, sem lá, e bebendo chá morno sem açúcar.

Cortas



(Ri, descruza as e torna a cruzá-las) Em resumo, e fim da pica-da!...

CLAY - (Sacode a cabeça de um lado para outro, envergonhado, e tenta revioar, surpreso com o que a mulher diz... a aspereza mundana da sua voz, que lembra um pouco o éco das clçadas) Sério, mesmo? Eu deu a impressãe de tudo isso?

LULA - Bem, não de tudo - (Finge sériedade, para dar um tom sombrio à voz) É que eu minto muito, sabe? (sorri) Isso me ajuda a controlar o mundo.

CLAY - (Aliviado e rinde exageradamente) É, já vi tudo!

LULA - Mas, quanse tudo que eu disse está certo, não é? De New Jersey, da barba...

CLAY - Engraçado, como é que você sabe de tudo isso, hein? De New Jersey, e até mesmo da barba. Eu não conheço você de algum lugar? Você não conhece o Warren Enright, por acaso?

LULA - ~~Você tentou comer tua irmã quando tinha dez anos.~~ **CORTAR**
(Clay se encosta no banco, olhos abertos, tentando ainda achar graça) E eu consegui há duas semanas. (Começa a rir de novo)

CLAY - Do que que você está falando? Warren te contou isso? Você conhece a Geórgia?

LULA. Não. Eu menti. Não conheço tua irmã nem esse tal de Warren.

CLAY - Essa não! Não vai me dizer que "belou" tudo isso de improviso?

LULA - Esse Warren não é um negrão alto, muito magro, com um setaque inglês de araque?

CLAY - Pensei que você conhecesse ele.

LULA - Não, não conheço. Apenas belei que você conhecia alguém desse tipo. (Ri)

CLAY - Sei, sei...

LULA - E, provavelmente, você vai pra casa dele, agora.

CLAY - Sim...vou.

LULA - (Coloca a mão no joelho de Clay; depois, retira a mão, olha bem nos olhos e continua rindo, talvez mais suavemente **Assa?** **que saca?**) Me diz uma coisa: eu te excite?

CLAY - Não é de jogar fóra, não!

LULA - Eu estou te excitando, agora?

CLAY - Claro que está?...E não é assim que tem que ser?

LULA - Sei lá!...(Volta com a mão, retira-a e depois apanha outra maçã na sacola) Quer?

CLAY - Aceito.

- LULA - (Pega outra maçã para si) Esse negócio de comer maçã é sempre o primeiro passo. E outro é caminhar pela Sétima Avenida nos fins de semana, bem à vontade. (morde a maçã e ri . à toa, olha para Clay e fala despreocupadamente, num tom meio cantado) Você bem que podia ter um caso comigo, hein? que tal, meninão? (Com falsa seriedade) Topa um caso comigo, machão?
- CLAY - (Tenta ser tão leviano quanto ela e morde a maçã, alegre) Por que não? Claro que tápe. Uma dona boa como você. Seria um trouxa se não topasse!
- LULA - Assim é que se fala. (Segura o pulso d'ele fortemente, impedindo-o de comer a maçã, sacode-o) E você nunca falou tão sério, não é verdade?
- CLAY - Mas...clare! Você é bem nutrida, sabe disso? É lutadora, por acaso?
- LULA - Porque? Você tem alguma coisa contra mulher lutadora? Nem precisa responder porque tá na cara que você não conhece nenhuma. Certo? (Cinicamente) Claro que não conhece. Não há mulher lutadora nessa parte de New Jersey. Disse eu tenho certeza.
- CLAY : Espera aí. Mas, como é que você sabe tanta coisa a meu respeito?
- LULA - Eu não disse que sabia tudo a seu respeito...É que você é um tipo muito comum.
- CLAY - Ah, é?
- LULA - Ou, pelo menos, eu conheço muito bem o seu tipo de pessoa. E do seu amigo magriço também.
- CLAY - Por intuição.
- LULA - (Ajeita-se no banco para terminar a sua maçã e começa a cantarelar "blues" baixinho) O que?
- CLAY - Sem conhecer...pessoalmente.
- LULA - Puxa! ... (Olha para ele rapidamente) Que resto marcante que você tem! Sabe que pedia ser um cara bacana?
- CLAY - Você me desarma.
- LULA - (Vaga) O que?
- CLAY - (Levanta a voz, pensando que o barulho do trem abafou sua fala) Estou dizendo que assim você me desarma!
- LULA - Meu cabelo está embranquecendo. Um fio por ano e olha a "corôa" que eu estou ficando...
- CLAY - Porque você quer parecer mais velha do que é?
- LULA - Mas é sempre bacana quando começa. (Volta à realidade) Vive socada em cortiços, dia e noite.

199 original

-7-

CLAY - O que?

LULA - Olha, porque não me leva na sua festa?

CLAY - Se sabe da festa deve ser amiga do Warren.

LULA - ~~(imitando gatinha)~~ (imitando gatinha) Não quer me levar na sua festa? Vá, me leva na sua festinha?

CLAY - Levo, levo sim! Aposto como você é amiga do Warren!

LULA - E porque que eu não posso ser amiga d'ele? (Pega a braço dele)
Como é, não vai me convidar?

CLAY - Não posso te convidar. Não sei o teu nome.

LULA - Por acaso você está conversando com o meu nome?

CLAY - Como é que você se chama? É segredo?

LULA - Lena, a Hiema.

CLAY - A famosa poeta?

LULA - Poetisa! A própria!

CLAY - Bem, e já que você é tão bidú, advinha o meu nome.

LULA - Morris, a Hiema.

CLAY - A famosa poeta?

LULA - A própria! (Ri e mexe na sacola) Quer outra maçã?

CLAY - Não, já tou cheio.

LULA - Vamos ver: teu nome deve ser alguma coisa parecida com Gerald...
Walter. Aertel?

CLAY - Néca disse!

LULA - Lloyd, Norman? Ou qualquer desses nomes sem graça de negro que saem de New Jersey...- Leonard?

CLAY - Como Warren, por exemplo?

LULA - É. Como Warren. Ou Everett... Bem, Willie, não é.

CLAY - É Clay.

LULA - Clay? Ah, é? Clay o que?

CLAY - Escolha. Jackson, Johnson ou Williams. Um dos três.

LULA - Um dos três? Ótimo! Mas...clare! que é Williams! Você é muito metido pra ser só Jackson ou Johnson.

CLAY - É Williams, sim.

LULA - Clay tá bom.

CLAY - Essa também.

LULA - E Lula.

CLAY - Lula?

LULA - Lula, a Hiena!

CLAY - Legal!

LULA - (Começa a rir de novo) Bom, agora você me diz: "Lula, Lula, vem na festinha comigo". Esta é a tua fala.

CLAY - "Lula, vem na festinha comigo", hein? hein?

LULA - Não, não é assim! Você tem que dizer o meu nome duas vezes e nada de "hein, hein?"

CLAY - "Lula, Lula, vem na festinha comigo".

LULA - Eu bem que gostaria de ir, Clay, mas como é que você me convida se eu nunca te vi mais gordo?

CLAY - É, é um pouco esquisito, não é?

LULA - Sh!...Mas que reação besta é essa? Agora você tem que me dizer: "Não tem importância, a gente se conhece melhor na festa."

CLAY - Ah, mas isso é muito batido!

LULA - Mas o que é que você quer, afinal? (Olha-o mal humentada, mas mesmo assim, divertindo-se) Que babado é o seu, hiena, Mister? Mister Clay Williams? (Toca-o) Que que cê tá querendo, hãhã?

CLAY - Hei! Cuidado com essa mão, que você está me excitando!

LULA - (Joga o resto da maçã pela janela) E daí? (Se desmancha no banco e o ambiente fica pesado)

CLAY - que bicho te mordeu, agora? Pensei que você já tivesse me topando. (Lula encara-o, depois, vagarosamente, desvia o olhar para o lado que deveria ser o lado oposto do vagão. Remexe na sacola e pega um livro. Coloca o livro nos joelhos e fica folheando a esmo. Clay estica o pescoço para ler o título do livro. Barulho de trem. Lula folheia o livro. Seu olhar vagueia.) Lula, você vai comigo na festa?

LULA - Não me chateia!

CLAY - E pra que essa onda toda que conhecia o meu tipo, etc.. etc...?

LULA - (Estranhamente irritada) Não se faça de besta comigo, cara! Eu te conheço como a palma da minha mão!

CLAY - Essa que você segura a maçã?

LULA - É. E que abre a minha porta todos os sábados de madrugada. No último lance da escada. Quinto andar. Bem em cima de um monte de italianos e americanos mentirosos. A mesma mão que descasca cenoura. (Olha para ele) Que desabotôa e vestido eu deixa a minha saia cair no chão.

LULA - A mesma mão. Gestesão.

CLAY - Você tá zangada porque? Eu ofendi a tua pureza?

LULA - Você não dá uma dentada? (Sorriso de zombaria) Mas é isso que me atrai. Hah! Com esse paletó cozado cheio de botões. (Mais animada, pegando no paletó dele) Pra que tanta roupa com esse calor? Esse paletó... essa gravata? Sua gente já queimou bruxas ou andou fazendo revolução por causa do preço do chá? Que tradição besta é essa que obriga você a usar essa roupa? Paletó de três botões! Que direito tem você de usar um terno assim e essa gravata listrada? Seu vovê era escravo, não frequentou Harvard!

CLAY - Meu avô era guarda noturno.

LULA - E, naturalmente, você estudou numa universidade de negro, onde todos se julgavam Averell Harriman.

CLAY - Todos, menos eu.

LULA - E quem é que você julgava que era? Quem você pensa que é agora?

CLAY - (Ri, como se quisesse animar a conversa) Bem, na universidade eu pensava que era Beaudelaire. Agora sou muito mais modesto...

LULA - E aposto que nunca passou pela tua cabeça que você era um negro de merda? (Finge falsa seriedade e depois cai na gargalhada. Clay fica aturdido, mas após a primeira reação, tenta apreciar o humor. Lula quase guincha) Imagina! Um Beaudelaire tição!

CLAY - Isso mesmo.

LULA - Puxa, como você é quadrado! Bom, eu retiro o que disse. Você é um cara legal. Barra limpa. Devia estar na televisão.

CLAY - Você é que está representando como na televisão.

LULA - Mas eu sou atriz!

CLAY - Já viu, né? Só podia ser atriz.

LULA - Pois se engana. Não sou atriz coisa nenhuma. Não sabe que eu minto sempre? Eu não sou nada, beneco, meta isso na cabeça. (Rápido) Minha velha era comunista. Foi a única pessoa da família que deu pra alguma coisa.

CLAY - A minha era democrata.

LULA - E teu pai votava sempre mais no Homem do que no Partido...

CLAY - Exato.

LULA - Viva ele! E, viva ele!

CLAY - Viva!

LULA - E viva a América, onde ele pôde votar na sua escolha medíocre! viva!

CLAY - Viva!

LULA - E viva também seus pais, que apesar de discordarem num ponto crucial como a política, assim mesmo realizaram uma união baseada no amor e no sacrifício, e que estava destinada a florir com o nascimento do nobre rebento Clay - qual é o seu segundo nome?

CLAY - Clay.

LULA - ...uma união baseada no amor e no sacrifício e que estava destinada a florir com o nascimento do nobre rebento Clay Clay Williams. viva! Todos os vivas pra você, Clay Clay! O Beudela... tição. viva! (Com cinismo cortante) Meu Cristo. Meu Cristo!

CLAY - Obrigado, dona.

LULA - Que todos te aceitem como a visão do futuro. E te venerem, pra que você não assassine todos, quando bem entender.

CLAY - O quê?

LULA - Você é um assassino, Clay, e você sabe disso. (Abaixa o tom da voz) Você não me engana, seu negro de merda.

CLAY - Eu?!

LULA - E agora, vamos fazer de conta que o ar está fresco e perfumado...

CLAY - (Cheirando a blusa dela) E está, mesmo!

LULA - Vamos fazer de conta que ninguém te vê. Isto é, os outros. Que você não tem compromisso nenhum com a sua história nem eu com a minha. Que somos dois belos desconhecidos atirados nas estranhas da cidade! (Grita e mais alto que pode ~~BUCKET~~ **CORTAR**)

BLACKOUT.

CENA II- O mesmo cenário de antes, só que há mais assentos visíveis no vagão. Durante a cena entram outros passageiros no carro. Um eu dois estão sentados quando inicia a cena, embora Clay e Lula não notem a presença deles. A gravata de Clay está desapertada e Lula se apoia no braço dele.

CLAY - E a festa, heim?

LULA - Acho que vai ser ótima. Você netra de braço dado comigo, assim, com um ar informal e importante e eu vou parecer estranha, arrogante, de poucas palavras, andando com passos bem lentos.

CORTAR

CLAY - Legal!

LULA - Quando você ficar no fogo, me dá uma palmadinha na bunda e eu elho pra você e faço uma carêta, censurando.

CLAY - É um programa.

LULA - Depois, você conversa com os moços sobre as tuas idéias e com os velhos sobre os teus planos. Se por acaso encontrar um amigo íntimo em companhia de alguém assim como eu, podemos fazer uma rodinha, bebericar, e trocar idéias sobre a técnica de trepar. Criar um ambiente bem perigoso em matéria de amor e opções morais.

CLAY - Grande. Grande!

LULA - Todos vão fingir que não te conhecem. E então... (Pausa densa) Mais tarde, quando precisarem, vão usar teu nome como se fossem amigos íntimos.

CLAY - (Beija o pescoço dela e os dedos) E depois?

LULA - Depois? Depois saímos pra rua, de madrugada, comendo maçã, e vamos caminhando, sem mais rodeios, pro meu apartamento.

CLAY - Assim, de cara?

LULA - Ou melhor, antes a gente dá uma olhada nas vitrinas e faz piada com as bichas, não é? Talvez a gente encontre também algum judeu budista e arraze com as suas pretensões, tomando um cafésinho.

CLAY - Em honra de que Deus?

LULA - De meu.

CLAY - E quem é o seu Deus?..

LULA - Eu...e vocês?

CLAY - Um deus coletivo.

LULA - Isso mesmo. Exatamente. (Vê um passageiro entrando)

CLAY - Continua. Que que acontece com a gente depois?

LULA - (Fica meio deprimida, depois continua a história com ar triunfante e objetivo) Vamos pra casa, é claro.

CLAY - Claro.

LULA - Subimos a escada de cortiço.

CLAY - Você mora num cortiço, é?

LULA - E onde é que você queria que eu morasse? Condiç claramente coma minha forma inédita de loucura.

CORTAR

CLAY - Subimos a escada.

LULA - E, ainda com a mão que come a maçã, abro a porta e faço a minha vítima de olhos meigos entrar na minha... como é que se diz mesmo? - na minha tóca.

CLAY - E depois?

LULA - Ah, depois dançamos, rimos, bebemos bastante, e coisa vai coisa vem... aí começa a verdadeira farra.

CLAY - A verdadeira farra. (Um pouco envergonhado) E o que é essa farra?

LULA - (Rindo alto) Sacanagem às baldas no escuro! Hah! Isso é que é bom, longe do barulho da rua e dos cow-boys ignorantes. Seguro delicadamente a sua mão suada na minha...

CLAY - E a tua mão também está suada?

LULA - Não. Sêca como cinza.

CLAY - E fria.

LULA - Não pense que pode fugir da sua responsabilidade, hein, moço? Que mãe fria coisa nenhuma! Seu fascista! Bom, ficamos no escuro na minha sala e aí conversamos até cansar.

CLAY - Conversamos sobre o que?

LULA - Sobre o que! Sobre a sua virilidade, seu trouxa! Sobre o que você queria que a gente conversasse?

CLAY - Bem, eu não pensei que podia ser sobre isso. Mas, claro sobre a minha virilidade! (Percebe os outros passageiros, entrando, olha rapidamente, quase involuntariamente para eles) Ué, nem vi quando esse pessoal entrou.

LULA - É, eu sei.

CLAY - Puxa, como esse trem é mole.

LULA - É, sim.

CLAY - Continua. Nós estávamos falando da minha virilidade.

LULA - E ainda estamos.

CLAY - Na sua sala.

LULA - No escuro. Conversando.

CLAY - É. Sobre a minha virilidade.

LULA - Eu faço um esquema disso. Assim que chegar em casa.

13
 COPIAR
 [Handwritten signature]

CLAY -- Isso é legal.

LULA -- Quer dizer, podemos fazer isso enquanto a gente conversa. E trepa.

CLAY -- (Tentando sorrir sem constrangimento) Chegamos ao ponto principal.

LULA -- Você vai achar o meu quarto escuro como um túmulo. E vai dizer: "Parece o túmulo de Julieta".

CLAY -- (Ri) E. Pode ser.

LULA -- É, sim. Provavelmente você já deve ter dito isso noutra ocasião.

CLAY -- E aí termina a grande poitada?

LULA -- Que nada! Você vai ter que dizer muitas vezes, bem agarradinho a mim, vai sussurrar "eu te amo, eu te amo".

CLAY -- Acho que sim.

LULA -- E vai ser tudo mentira.

CLAY -- Ah, isso não! Numa hora dessas eu não minto.

LULA -- Hah! Pois eu penso o contrário. Principalmente, se você acha que isso me mantém viva.

CLAY -- Te mantém viva, como? Não compreendo.

LULA -- (Cai na risada, um riso estridente) Não compreende, é? Não me olha de seu jeito. Eu sou assim e acabou. Vou aonde meus pés me levam. Um pésinho atrás do outro.

CLAY -- Isso é mórbido, doentio. Escuta aqui, tem certeza que você não é atriz mesmo?... Você é muito convencida...

LULA -- Não sou atriz coisa nenhuma. Tudo que eu disse é mentira. Tire agora suas conclusões.

CLAY -- Está bem. E isso é tudo que nós vamos fazer? Mais nada?

LULA -- Já disse tudo. Ou quase.

CLAY -- Não tem uma parte engraçada?

LULA -- Pois eu acho que tudo isso é muito engraçado.

CLAY -- Não é bem engraçado, mas...esquisito.

LULA -- Você não entendeu bulhufas.

CLAY -- Então conta o que falta. Quero ouvir a história até o fim.

LULA -- (Remexe na sacola. Começa a falar de um só fôlego, num tom alto e tolo) Mas todas histórias são completas. Todas. E, como todas, a nossa história também muda. As coisas não são sempre as mesmas a vida inteira, não acha? (Dá-lhe um tapa no ombro, começa a tirar coisas da sacola e jogá-las por cima do ombro, no corredor do trem) Só que eu continue como eu sou. Como maçãs, e dou longas voltas e

LULA - com amantes super-inteligentes. Mas você confunde tudo... Fica olhando pela janela o tempo todo. Fica virando as páginas. Muda o tempo todo, muda. Merda, assim eu não posso conhecer você. E nem quero conhecer, por causa disso. Você é muito sério. Crente demais, até para ser paicanalisado. Como esses poetas judeus de Yonkers que abandonam as mães e procuram outras mães, ou as mães ~~das~~ de outros, pra enterrar a cabeça nos peitos caídos delas. Seus poemas são sempre sempre engraçados e todos sobre sexo.

CLAY - E, são ótimos. Parecem filmes.

LULA - Pois é. Mas você muda demais. (Sem expressão) As coisas te cansam e aí você começa a odiá-las.

(Outros passageiros entram no trem. Chegam perto dos dois, alguns ficam de pé, segurando nas correias, olhando-os com um interesse descuidado)

CLAY - Puxa, quanta gente de repente. Devem ter vindo todos do mesmo lugar.

LULA - Mas, claro. Vêm mesmo.

CLAY - Você conhece eles também?

LULA - Sim. E conhece todos melhor do que você. Eles te assustam?

CLAY - Me assustam? Ora essa, e porque haviam de me assustar?

LULA - Porque você é um negro fugido

CLAY - E?....

LULA - E. Você fugiu por baixo do arame farpado e segue a minha pista.

CLAY - Arame farpado?

LULA - As plantações de algodão não têm cerca de arame farpado?

CLAY - Ah, já sei. Você deve ser judia. Só vive pensando em cerca de arame farpado. As plantações não têm cerca de arame, não. São enormes, abertas, imaculadas como o céu, e todo mundo ali trabalha com prazer, o dia inteiro, canta, assobia...

LULA - Sei, sei.

CLAY - Foi assim que nasceram os blues.

LULA - Sei. Foi assim que nasceram os blues.

(Começa a cantar uma canção, que rapidamente se transforma em histeria. Levanta-se do banco, ainda jogando coisas da sacola, num ritmo tremido, em requebros contorcidos, indo de um lado para outro do corredor, batendo nas pessoas que estão de pé e nas que

estão sentadadas. Cada vez que esbarra numa pessoa solta um palavrão, sempre dançando) E foi assim que nasceram os blues!... Foi assim...foi assim... Quack. Quack. Quack. Sim. Sim. Sai do caminho, filho da puta! Foi assim...foi assim...Sim...Sim...Foixxxx assim que nasceram os blues? Dez negrinhos sentados numa perna só, mas nenhum parecia com ele! (Aponta Clay, volta ao banco, esticando os braços, convidando-o para dançar) E foi assim que nasceram os blues!... Foi assim...Ven, Clay. Vamos dançar a umbigada! Bater umbigo. Esfregar barriga.

CLAY - (Faz um gesto negativo com a mão) (Está envergonhado, mas resolvido a tirar partido da coisa) Ei! Você pôs alguma coisa naquela maçã? que bicho te mordeu? Me diz, espelho mágico, qual é a mulher mais bela do mundo? Branca de Neve, meu bem, Branca de Neve!

LULA - (Puxa as mãos dele, que ele retira) Ven, Clay! Vamos dançar a umbigada, meu bem. ~~Vai dar. Esfregar~~ Chacoalhar até perder a cabeça. Mexer, chacoalhar, mexer, chacoalhar, mexer! Ooba! Ven, Clay! Vamos avacalhar com essa Maria Fumaça!

CLAY - Comigo, não? Vai baixar noutra terreiro!

LULA - (Fica aborrecida porque ele não quer entrar no seu jogo e se anima ainda mais para chocá-lo) Ven, Clay! ~~Vamos trepar aqui mesmo!~~ Ei, Clay! Clay! Seu negro bastardo de classe média! Esqueça a mamãe socialista um pouco e vamos dançar a umbigada! Brance renegado. Cristão de araque! ~~xxxxxxx~~ Você nem é negro, é um branco sujo, tíção renegado. Levanta daí, Clay, dança comigo, Clay!

CLAY - Lula, senta agora. Chega, vá. Fica boazinha.

LULA - (Caçoando dele, dançando selvagemente) Fica boazinha! Fica bezainha! Não sabe dizer nem fazer mais nada! Só sabe é passar óleo na cabeça pra esticar o pixaim. Abotoar o paletó até o queixo, e falar como gente branca. Deus do céu! Levanta e grita na cara dessa gente! Pai de Santo! Vamos, pode gritar! Pra eles não quer dizer merda nenhuma. (Ela grita aos outros, ainda dançando) Trens vermelhos vomitam escória judia! Bafejam um cheiro de morte! Soltam ranho esvoaçante! Clay, Clay, você tem que se abrir. Não fica aí sentado feito morto. É isso mesmo que eles querem. Levanta daí!

CLAY - Senta. Lula. (Tenta fazê-la sentar) Senta, para com isso. Merda!

LULA - (Escapa dele) ~~Foda-se, Pai Tomaz~~ Pai Tomaz da Carapinha Branca!

CORTAR

(Começa a dançar ,caçoando de Clay, exageradamente) É. Pai Tomaz da Carapinha Branca! Ele anda com a sua bengalinha, coitadinho dele! Deixa o patrão travar com a mulher e vai se esconder no mate. Coitadinho dele!

(Alguns dos passageiros estão rindo agora. Um bêbado se levanta e dança com Lula, cantando o melhor que pode a "canção" dela. Clay se levanta e enfrenta os outros).

CLAY - Lula! Lula! (Ela continua a dançar, gritando alto) Lula!...

Sua puta cretina! Para com essa palhaçada! (Sai do banco, aos tropeções e agarra-a pelo braço)

LULA - Me larga! Me larga, negro filho da puta! (Ela se debate) Me

larga, veado! Socorro! Socorro! (Clay tenta arrastá-la para o banco e o bêbado intervém. Agarra Clay pelos ombros e começa a lutar com ele. Clay dá um safanão no bêbado e ele cai no chão. Mas continua segurando Lula, que continua gritando. Finalmente, consegue colocá-la no banco, à força.)

CLAY - E agora, cala essa boca do inferno! (Segura os ombros dela) Cala essa boca! Você não sabe o que fala. Você não sabe nada. Perisse, cala essa boca de merda!

LULA - Você é covarde! Tem medo de branco. Seu pai também. Pai Tomaz Beicudo!

CLAY - (Dá-lhe um violento bofetão na boca. A cabeça dela bate de encontro ao banco. Quando ela se refaz, ele a esbofeteia de novo) Fecha essa latrina e me deixa falar! (Ele se volta para os outros passageiros, alguns dos quais estão sentados nas beiras dos bancos. O bêbado está ajoelhado, passando a mão pela cabeça e cantando baixinho a mesma canção de Lula. Quando Clay olha para ele, fica calado. Os demais voltam para os seus jornais ou ficam olhando pelas janelas) Que merda! Você não tem juízo nem sentimento! Se eu quisesse, podia te matar , agora, neste instante. Era só apertar esse pececinho feio de merda. Apertava o peçoço e você ficava roxa num instante...assim! Ou a ponta-pés! E mata-va todos esses covardes aí, que estão escondidos atrás dos jornais. Eles também, mesmo que soubessem, mesmo que esperassem! Olha aquele aí. (Aponta um bem vestido) Com toda minha magreza, com toda a minha insignificância de classe média, podia rasgar a garganta dele com a mesma facilidade que rasgava o "TIMES" que ele está lendo! Sem o menor esforço! Mas, pra que? Pra que matar esses

Observação

Na folha 17 (desente), permitam
contadas apenas as 2 expunções
proucias retencidas. Ps. Oliveira
pacho chefe SODP - recurso
3/10/05
TCTE - SODP/DF.

CLAY - covardes idiotas? Vocês só pensam em sexo, conforto, luxúria!

LULA - Cretino!

CLAY - (Empurra-a contra o banco) Fica boazinha, aí, Talulah Bankhead! Luxúria. Sexo. Seu rosto, suas mãos só transpiram isso. Nada mais. E você me dizendo o que eu devo fazer! (Grita, de repente, assustando os passageiros) Peis bem! Chega! Acabou. Se você acha que eu sou um negro renegado, se eu sou um branco nojento da classe média... me deixa seu ser. Mas, a meu modo. (Entre dentes) Te arrance esses seios nojentos! Me deixa ser quem eu quero ser. Pai Tomaz. Seja lá e que for. Não é da tua conta. Você não enxerga um palmo na frente do nariz. E tudo que você diz é mentira. Artificia. Você não tem sentimento, não sabe o que é um coração negro, um grande coração negro pulsando. Nunca soube o que é isso. Tem razão, estou aqui sentado, dentro do meu paletó gozado, abotoado até o queixo, mas é só pra não ter que cortar todas essas gargantas! Cortar, sim, é toa! Sem nenhum motivo! ~~Sua grande puta emancipada!~~ Você deita com um negro qualquer e pronto! Pensa que já sabe tudo a respeito de negro, não é? Que bela merda! A única coisa que você sabe é dar, quando apanha. Só isso. Queria dançar a umbigada, hein? Queria esfregandinho a barriga? ~~Não sabe nem trapar.~~ Não sabe merda nenhuma! Essa porcaria aí de ficar mexendo a bunda feito um elefante! Isso não é o meu estilo. Umbigada não é pra branco. Umbigada é lugar escuro, enfumaçado, onde os caras dançam segurando o paletó e o chapéu com uma das mãos. Não é pra você. Onde os velhos carecas de óculos ficam estalando os dedos, sem saber direito o que estão fazendo. E eles dizem: "Eu amo Bessie Smith" e nem compreendem que Bessie Smith está dizendo: "Beija a minha bunda, beija a minha bunda negra!" Antes de amor, do sofrimento, e do desejo, isso você não pode explicar, ela diz bem claramente: "Beija a minha bunda negra!" E se você não sabe, fica sabendo, é você que está beijando. Charlie Parker? É, Charlie Parker, também. Todas as bichas deliram quando vêm Bird. E Bird diz: "Levanta essa bunda, seu debil mental! Levanta essa bunda!" E eles todos se sentam ali, falam do gênio torturado de Charlie Parker. Bird não tocaria uma nota sequer se um dia subisse a Rua 67 Leste e matasse os dez primeiros brancos que visse. Não tocaria nem uma nota! Eu sou o grande futuro poeta! É. Isso mesmo. Poeta. Uma espécie de literatura bastarda... Tudo que é preciso é dar um golpe de faca.

CORTAR

CORTAR

CORTAR

CORTAR

CORTAR

CLAY - Se eu sangro você, mata escandalosa, morre um poema. Um bando de neuróticos lutando pra se manterem sãos e a tua morte era a única coisa que podia curar a neurose. Nada menos. E aí, se eu matasse você, os outros brancos começariam a me compreender. Entende? Não. Acho que não. Se Bessie Smith tivesse matado alguns brancos, não teria mais necessidade da música. Podia falar abertamente ao mundo. Sem metáforas. Nem grunhidos. Nem estertores na alma. Claramente, como quem diz que dois e dois são quatro. Dinheiro. Poder. Luxúria. Assim, Eles todos. Negros malucos voltando à vida normal. Tudo que é preciso fazer é executar esse simples gesto: matar. E. Matar? Isso nos deixaria todos curados. (Fica cansado, de repente) Ah. Merda. Mas quem precisa fazer isso? Prefiro ser um idiota. Louco. Ficar a salvo com as minhas palavras, sem mortes, com pensamentos limpos, fortes, incitandome a novas conquistas. A loucura da minha gente! Ah! que piada. Minha gente. Eles não precisam que eu lute por eles. Têm pernas e braços. Insanidades pessoais. Espelhos. Não precisam das minhas palavras. Nem de nenhuma defesa.

E diga pro seu pai, que provavelmente é a espécie de homem que precisa saber disso. Para que possa planejar pro futuro. Diz pra ele não pregar muito racionalismo e lógica a esses negros. Pra deixar eles em paz. Deixar que eles amaldiçoem os brancos em código e encatem a grossura dos brancos como simples falta de estilo. Não cometa o erro de se deixar levar por um impulso de caridade cristã, e falar muito sobre as vantagens do racionalismo ocidental, ou do grande legado intelectual do homem branco, porque talvez eles comecem a ouvir. E então, talvez algum dia, você descubra que eles compreendam perfeitamente o que você quer dizer. Sim, esse povo fantasista. Essa gente dos blues. E, nesse dia, tão certo como a merda, quando você realmente acreditar que pode "aceitá-los" no seu meio, como semi-brancos, agora sem blues (exceto os bem antigos) - e coração missionário terá triunfado, e todos esses ex-negros se transformarão em cidadãos ocidentais perfeitos, com vidas ativas e úteis, sóbrios, bons e sadios. E aí eles te matam. E, te matam e vão dar tôdas as explicações racionais possíveis. Bem à maneira de vocês. Cortam a sua garganta e levam você pros confins da cidade pra que a sua carne apodreça nos ossos num isolamento profilático...

LULA --(Sua voz assume um tom diferente, como que de negócios)
Já ouvi bastante.

CLAY - (Vai recolhendo seus livros) Espero que sim. Acho melhor pegar minhas coisas e sair desse trem. Parece que o nosso pequeno espetáculo não vai continuar.

(Ela olha ao seu redor, rapidamente) Está bem!

(Os passageiros reagem)

CLAY --(dobra-se sobre ela para apanhar as suas coisas) Desculpe, mas eu acho que não dá mais pé.

(Quando ele se curva sobre ela, Lula tira uma faca pequena da sacola e enterra no peito de Clay, golpeando duas vezes. Ele cai sobre os joelhos dela, a boca se contorcendo estúpidamente)

LULA - "Desculpe" (Olha para os outros passageiros do carro que nessa altura estão todos de pé) Desculpe foi a coisa mais sensata que você falou. Tirem esse homem daqui! Depressa!

(Os outros se aproximam e colocam o corpo de Clay no chão) Joguem o corpo dele entre os vagões e desçam todos na próxima parada.

(Lula arruma suas coisas. Estando tudo em ordem, pega uma caderneta e toma notas rápidas. Joga a caderneta na sacola. O trem parece parar e os outros passageiros saem e ela fica sozinha no vagão. Entra um jovem negro de 20 anos, com dois livros debaixo do braço. Senta-se poucos bancos atrás de Lula.

Ela se levanta, como se fosse sair, vê o jovem, muda de idéia e se senta perto dele. Depois de sentar-se, volta-se para ele e fita-o longamente. Ele percebe que está sendo observado, levanta os olhos do livro. Deixa o livro no colo, os dois se olham. Ela se apruma, satisfeita, vendo que ele ficou interessado. Depois, pega uma maçã da sacola, dá uma mordida, sorridente, enquanto as luzes vão se apagando aos poucos.)

FIM

Quonabaro, 18/1/68

Caro Sr. José Augusto,

Conforme nossos entendimentos telefônicos aqui vão os papéis que o Sr. me pediu. Por favor o livro e o original e assim que o Sr. tiver se utilizado dê-lhe é favor envia-lo de volta.

Quanto ao recibo da Ikat, já lhe expliquei que está tudo acertado entre nós e eles, mas que só compraremos a peça se ela for liberada, caso contrário não dispomos de 300 dólares para pagar o avalon e a peça não ser levada. O Sr. naturalmente sabe que uma vez pago este, ao autor não interessa

(3)

saber se a censura permite ou não que a peça seja levada ou se o comprador está ou não sujeito à censura.

Quanto a Francisco Martins (meu esposo) é sócio de Sbat desde 1961 - sendo tradutor de vários artigos - a revisora fui eu - formada na Faculdade de Filosofia de São Paulo - Letras Anglo-Germânicas - filha de ingleses, educada na Inglaterra e bolsista nos Estados Unidos - a grua usada na tradução é autêntica e estou pronta a prova-la a qualquer momento.

Esperando contar com a sua compreensão pedimos uma solução rápida pois o teatro já tem tanta despesa que eu espero não haver

necessidade de ⁽³⁾ ir a Brasília
pessoalmente.

Ficou-lhe-~~ei~~ particularmente
grato si resolver nosso
caso o mais breve possível.

Com mais,

Queira aceitar as
muitas cordiais saudações

Elly Fraser M. de Souza
Diretora da Sociedade Cultu-
ral Teatro Oficina

PS Aqui no Rio de Janeiro meu
endereço é: Rua Rodolfo Dantas

89 ap. 504
Rio. TONE - 373878
Em São Paulo: Jacquay 520.
SÃO PAULO - Teatro Oficina



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

OF. S/Nº

Em : 07 de fevereiro de 1968

Do: CENSOR CORIOLANO DE LOYOLA CABRAL FAGUNDES

Ao: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Assunto: Tradução de "DUTCHMAN", de Le Roi Jones, por Francisco Martins (apresenta parecer)

Senhor Chefe,

Atendendo a solicitação verbal do Chefe de DCTC e após exame do texto original da peça em epígrafe, cumpre-nos informar a essa Chefia o seguinte:

- a) mesmo em inglês, os termos usados são de baixo calão, refletindo a linguagem chã dos personagens principais, um negro e uma prostituta branca, envoltos em ambiente de preconceito racial de Nova Iorque;
- b) contudo, consideramos excessivamente liberais as traduções emprestadas às frases e expressões assinaladas na versão brasileira, tornando as passagens ainda mais picantes. (Veja folhas 5, 9, 11, 12, 15 e 16).

É este o nosso parecer quanta à tradução.

Relativamente ao conteúdo, continuamos a manter a interdição, por considerar a peça atentatória ao decôro público, despida de qualquer mensagem e que trata de um problema social alienígena e desinteressante para brasileiros, os quais não conhecem situação similar no Brasil.

Atenciosamente,

CORIOLANO DE LOYOLA CABRAL FAGUNDES

Censor Federal - 2.095.823



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

Em, 12 de fevereiro de 1968

.....
 Do Chefe da T.C.T.C.
 Ao Chefe do S.C.D.P.
 Assunto Exame de peça

Senhor Chefe:

Tendo em vista o parecer do Censor Coriolano Fagundes, que SUGERIU A INTERDIÇÃO da Peça DUTCHMAN, POWER NEGRO ou O METRÔ FANTASMA, de Le Roi Jones em tradução de Francisco Martins, conforme requisição apresentada pela Sociedade Civil Cultural, Teatro Oficina a este S.C.D.P.; e a decisão da Chefia do S. C.D.P. anterior a sua gestão, que solicitou ao interessado a remessa do Texto original da peça e a autorização da SBAT para que a mesma fosse representada, tenho a informar-lhe o seguinte:

1)- O interessado depois de muita demarche com esta chefia, resolveu a cumprir as exigências do S.C.D.P., remetendo o original em inglês e uma carta da SBAT.

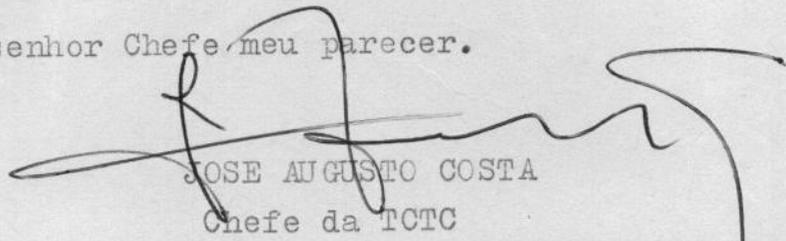
Pela carta da SBAT depreende-se que o interessado ainda não obteve a devida autorização do autor para efetuar a tradução e encenar a peça, assim como não pagou os devidos direitos autorais. A carta apenas sugere como documento que o interessado obtenha um pronunciamento preliminar da Censura, quanto a liberação ou não da peça.

2)- Diante do parecer anterior e de posse do original solicitei ao Censor Marabuto que examinasse a peça conferindo-a com o Texto original, da mesma forma procedi com o Censor Coriolano, para que ele confrontando com o original pudesse fazer melhor juízo da peça. Independente disso li o texto traduzido e debati o assunto com um professor de jornalismo, que lê e fala bem o inglês já tendo inclusive residido por muito tempo nos Estados Unidos da America.

De posse desses dados, sou de opinião que a peça em questão deva ser liberada com a IMPROPRIEDADE DE 18 ANOS observando-se os cortes nos termos do Decreto nº 17.112, de 1946.

///...forma seria a impropriedade de 18 anos sugerindo-se a substituição dos termos de baixo calção por outros mais compatíveis / com a platéia brasileira.

Este é senhor Chefe meu parecer.



JOSE AUGUSTO COSTA
Chefe da TCTC

Em tempo o CERTIFICADO só
deverá ser expedido após o
interessado ter pago as devidas Direi
tas Autorais a SBAT





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

Em 1 de fevereiro de 1968

Do Censor Federal Nelson Marabuto Domingues

Ao Sr. Chefe do T.C.T.C.

Assunto Parecer (apresenta)

Peça: Dutchman (Poder Negro)

Autor: LeRoi Jones

Dutchman é sem qualquer dúvida um dos elementos positivos de toda literatura engajada ao tema racismo nos Estados Unidos. E unicamente sob este aspecto é correto tentar-se analisar a peça. Os termos de baixo calão nela contidos / somente devem ser encarados como um ingrediente que visa à / obtenção da atmosfera adequada para que possa aflorar com a / precisa intensidade a verdadeira temática da obra. Em linguagem teatral dir-se-ia tratar-se de um recurso somente utilizado para tornar mais real o "mise-en-scène", com o transplante / para o palco da literatura de rua, a de comunicação imediata com a platéia. Ressalte-se contudo, que o tradutor foi além, rebaixando sem a devida sutileza certos termos. Para exemplificar, à pg. 11, temos "... sôbre a técnica de trepar" o que, em minha opinião, é o, digamos, superlativo de "...sôbre a técnica sexual". Dutchman mostra o negro Clay reagindo como homem às provocações estudadas de Lula. Ele livre de qualquer / preconceito, ela a princípio o próprio símbolo da luxúria com o objetivo da consecução do clima propício para desfechar, finalmente, o seu golpe de racista maníaca. É nosso dever, de gente nascida em terra livre de preconceitos racistas, preservar Dutchman da unilateral análise pornográfica. Pode-se afir-



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

Em

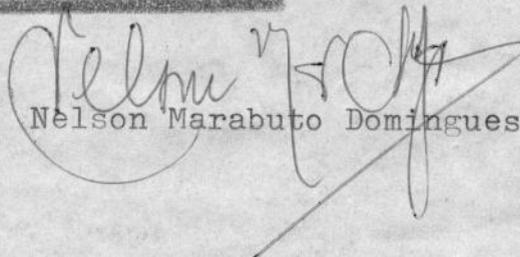
Do ---

Ao ---

Assunto Parecer sôbre Dutchman (continuação) -2-

... finais de Clay na Cena II são de uma beleza e profundidade capazes de absolver até mesmo os pecados da tradução. Sou de opinião que devem ser estudadas duas hipóteses para a liberação de "Poder Negro":

- a) O corte simples dos termos pornográficos, com impropriedade para 14 anos.
- b) A substituição dos termos pornográficos, com impropriedade para 18 anos.


Nelson Marabuto Domingues

São Paulo, 7 de Junho

Prezado Sr. Censor Federal,

Aqui vai o papel
que faltava para a censura
da peça "Dutchman" — "Poder
Negro de Le Roi Jones". Espero
que agora tudo esteja em
ordem e possamos iniciar
os ensaios da peça assim
que ela for liberada.

Aguardando o seu
parecer o mais rapidamente
possível. Subscrevo-me atentamente,

Um abraço,

Etty Frase N. de Souza

Fundada em 27 de Setembro de 1918

Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.

End. Teleg.: SBAT - RIO

RIO DE JANEIRO - BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0047, p. 36

Direitos de Representação

Autorização Nº 167228

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "DUTCHMAN"

Original de Henry Jones

Música de

Tradução de Francisco Martins de Souza

No Teatro

Cidade S. Paulo

Empresa Assoc. Cult. Teatral Officina

nos dias para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, a 9 de Julho de 1968

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Decreto n.º 1.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cine matógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



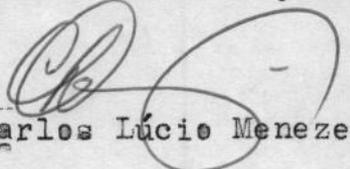
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr. Chefe da Seção de Censura:

O presente processo de liberação da peça teatral DUTCHMAN - O PODER NEGRO, aguardava, com pareceres dos Censores Corielano, José Augusto e Marabuto, documento solicitado pela Chefia do SCDP, para emissão do competente Certificado de Censura.

O documento reclamado acaba de ser encaminhado a esta TCTC, pelo que, após juntá-lo ao referido processo, submeto-o à decisão superior, propondo deferimento.

Brasília-DF. 14.junho.1968


Carlos Lúcio Menezes - TCTC-SCDP-DF

*Pro Senhor Chefe do SCDP
para a decisão final.*

Em 24/6/68

[Assinatura manuscrita]

Em 24 Jun 68

*1. Expedir certificação
1. Acompanhar processo
com ofício em 2 vias
justificando o tempo
de permanência do
mesmo no SCDP.*

OFICIO Nº 218/68-SCDP.

02 de julho de 1968.

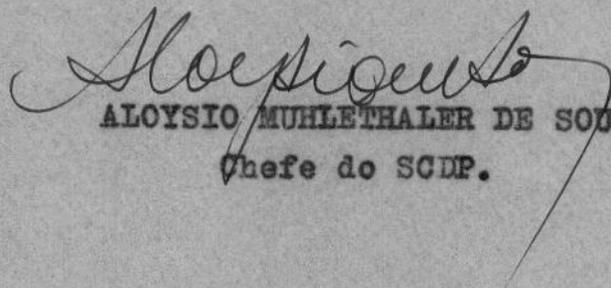
: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
: Delegado Regional do DPF/SP.
: Peça teatral (encaminha)

Senhor Delegado Regional,

Estamos devolvendo a Vossa Senhoria, para os devidos fins a peça "O PODER NEGRO", certificado de censura nº 378/68, com a Impriedade de 18 anos, com cortes.

Informamos ainda que a demora para expedição do referido certificado foi causada pelo não encaminhamento, por parte do interessado, da autorização da SBAT, para apresentação da referida peça, várias vezes solicitada por esta Chefia.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a Vossa Senhoria os votos de estima e consideração.


ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Ilmo. Senhor
Gen. SILVIO CORREA DE ANDRADE
DD. Delegado Regional do DPF/SP
Rua Piauí 527
SÃO PAULO-SP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — SÃO PAULO

TURMA DE CENSURA

Sra. Chefe.

Atendendo-se determinação superior, cumprimos despacho de VS. com referência ao ensaio para a censura da peça teatral o "PODER NEGRO", no original "THE DUTCHNAM", de autoria de Le Roi Jones e tradução de Francisco Martins.

Parece-nos, em que pése, como acontece, a benéfica orientação do Sr. Chefe do SCDP, nos termos dos Atos baixados, que a existência de duas censuras prévias, uma teórica e outra prática, viria, naturalmente, asseverar que, tal diretriz, seria também, quanto ao cumprimento, fiscalizadas pelo Sr. Chefe do SCDP.

Assim sendo, encaminho o presente a esta Chefia, no sentido elevado de recebermos melhores esclarecimentos sobre as dignas providências do Sr. Chefe do SCDP, referentes às razões seguintes:

A quem cabe a responsabilidade pela liberação da peça em aprêço?

A responsabilidade cabe à censura teórica realizada em Brasília, ou à censura prática realizada em São Paulo?

Ou uma vêz a peça tendo sido censurada previamente em Brasília, e liberada na forma em que está, necessariamente liberada portanto, é de se resumir esta Censura em assistir o ensaio pró-forma, bitolando-se á medida anterior, mesmo que ocorra o fato de ao vivo o tema ser passível de proibição?

Ou, ainda, pelo simples fato de procedermos a entrega de exemplar censurado e do certificado respectivo, seríamos responsabilizados caso o espetáculo, quanto a sua representação, venha adquirir feição, por exemplo, de incitamento entre as classes sociais?

Segundo instruções, o Censor que proceder ensaios, após a censura prévia do texto em Brasília, não poderá permitir acrescentações ou supressões de palavras ou frases, que venham de uma ou de outra forma contornar uma motivação qualquer mas indispensavel, supondo-se, então, que deverá se limitar a censurar a gesticulação, objetos, roupas e cenários, ou a fiscalização consiste em fiscalizar se a representação está contida no texto aprovado.

Mas, como evitarmos as conseqüências se já existe a causa?

Quanto à peça o "PODER NEGRO", assumiu o ilustre Cen -



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — SÃO PAULO

sor que a liberação das consequências da mesma, sem que, a rigor, ajuizasse o tema assistindo ao ensaio?

E o que é a peça o "PODER NEGRO"?

Conflito racial simplesmente?

O "PODER NEGRO" se refere ao menosprezo do negro, mesmo que esse angustiante problema social atinge mais os EUA. O autor não ofereceu propósitos construtivos no sentido abjeta da causa, sómente, como se fosse uma notícia, relata a diminuição do negro.

Focaliza a historia de uma loira que ao entrar em um metrô de Nova York procura humilhar ao máximo um negro, reduzindo-o a nada. Como entre eles não é possível nem diálogo e nem integração racial, causas que provocam a violência da peça, resulta na morte do negro como o fim que a raça negra merece, esfaqueado que fora pela loira cínica e calculista, posteriormente ajudada e encoberta pelos demais passageiros brancos, que removem o cadaver do negro, jogando-o nos trilhos. Sob o mesmo beneplácito da raça branca, a loira assassina volta a praticar outros crimes semelhantes, contra outros negros; tese fundamental da peça.

Disse-nos a artista sra. Itala Nandi, que representa a personagem Lula: "Lula tem um fascínio dentro do fascismo paranoico que apresenta, como a prostituta militarizada que é".

Inegavelmente é outra peça teatral de protesto.

Mas não é possível proibir-se todas as peças, algumas devem ser liberadas desde que não se enquadrem nas zonas suscitadas e em conflitos, e os nossos irmãos negros ainda nada tem a reclamar contra os brancos, aliás, atualmente inexiste qualquer belicosidade em nossas camadas sociais. Evidentemente é por isso que o "PODER NEGRO" foi liberado.

Ainda, com referência ao ensaio, propomos a restauração dos cortes aplicados na página 17, ou sejam: "beija a minha bunda negra" e "levanta essa bunda daí seu debil mental", nos termos do recurso a ser interpôsto pelos interessados, visto que, no decorrer do ensaio ficou constatado que a sua manutenção não traz nenhum prejuizo moral ao público, face a superior consistência da temática, serem ditas no clamor da reação do negro, ditas apenas sem gestos físicos, num repente onde qualquer outra palavra ou frase mais forte caberia sem chocar.

Atenciosamente.

Osvaldo Assis

OFICINA



2572
8-8-68
K.B.

S. Paulo, 8 de agosto de 1968

Ao
Serviço de Censura
Departamento de Segurança da Polícia Federal
Brasília

Em 1º Out 68.
Defendo.
D. A Sec Censura
proceder quanto ao
nosso certificado.

Vimos, por meio desta, solicitar uma revisão na censura do texto de "Poder Negro" (The Dutchman) de LeRoi Jones, visando a permissão para não efetuarmos os cortes determinados no fim da página 17: "beija a minha bunda negra" e "levanta essa bunda daí seu débil mental". Recebemos o texto da peça com vinte e dois cortes. E apesar de mantermos nossa posição, que é a de toda a classe teatral do país, em defesa da liberdade de expressão e da integridade inviolável da obra de arte, decidimos, conforme comunicamos ao censor que assistiu a nosso ensaio geral, aceitarmos os cortes, mas ao mesmo tempo enviarmos este requerimento pedindo para que as duas frases acima citadas fossem liberados. Os demais cortes de palavras em nada afetam o sentido verdadeiro do texto, mas os dois a que nos referimos alteram toda a conclusão do texto, mutilam um monólogo de duas páginas e meia e efetivamente provocarão, se efetuados, uma alteração total no final da peça, que corre o risco de se tornar incompreensível. Justamente as duas frses acima citadas são ditas na peça como exemplos do pensamento do protagonista. Não são acompanhadas de nenhum gesto. Ao contrário, o protagonista, ao pronunciá-las, está estático no centro do palco, o que pode ser atestado pelo censor que assistiu ao espetáculo. A palavra que verdadeiramente provocou os cortes foi a palavra "bunda", liberada sem problemas em muitos outros momentos do texto. O sentido das frases é claro: o personagem afirma que o verdadeiro sentido das canções desesperadas da célebre intérprete norte-americana Bessie Smith seria um grito de revolta; e que igualmente as notas de jazz do célebre músico Charlie Parker exprimem um grito de revolta contra os que o ouvem sem compreendê-lo. As frases fazem parte de um pensamento, e seu corte acarreta quase que mutilação total do sentido da obra e implica num corte não apenas de duas frases mas, sim, de meia página, ao menos, do texto, pois as frases são parte de um raciocínio que teria que ser inteiramente suprimido. Insistimos no pedido por achá-lo justo e possível de ser atendido e aproveitamos a oportunidade para afirmar novamente que aceitamos os demais cortes sem problemas. Aproveitamos igualmente a ocasião para mais uma vez chamarmos a atenção do serviço de censura para o fato de que mais este problema entre censura e teatro surge por uma única causa: o serviço de censura centralizado em Brasília impede um diálogo entre os censores e os produtores de teatro, impede que os censores possam julgar o verdadeiro sentido do texto teatral, impossível de ser apreendido diante da fria lei-

OFICINA



tura de palavras impressas, já que somente se concretiza, adquire um corpo e uma alma, um significado e uma expressão artística e humana, através da interpretação crítica concreta e efetivamente criadora que é a encenação.

Sem mais, aguardando um rápido pronunciamento,
atenciosamente

Etty Lacer M. de Souza

Sociedade Civil Cultural Teatro Oficina

Senhora chefe:

Sugiro o indeferimento
do pedido por falta de
amparo legal.

Em 10/9/68

Souza



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0047, p. 44

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 378/68

PEÇA TÍTULO ORIGINAL: -/DUTCHMAN/- (O PODER NEGRO)

ORIGINAL DE LE ROI JONES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de OUTUBRO de 19 69

Brasília, 03 de OUTUBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Aloysio Muhlethaler de Souza

Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA**

AP/ **COM CORTES**

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

P. 45/45

Certifico constar do livro nº 01, fôlha nº 13, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/DUTCHMAN/- (O PODER NEGRO)

OBS: -ESTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADDE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARRIMBADO PELO SCDP.

Original de LE ROI JONES
Tradução de FRANCISCO MARTINS
Adaptação de
Produção de SOCIEDADE CIVIL E CULTURAL TEATRO OFICINA (SP)

Tendo sido censurada em 01 de OUTUBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA ATÉ 18 ANOS, COM CORTES NOS SEGUIN- TES TEXTOS: FLS.04: "TREPAR COM VOCÊ"; FLS.05: "VOCÊ TENTOU COMER TUA IRMÃ QUANDO TINHA DEZ ANOS" E "AAAI QUE SACO"; FLS.10 "BUCE- TA"; FLS.11: "NA BUNDA" E TROCAR IDÉIAS SÔBRE A TÉCNICA DE TRE- PAR"; FLS.13: "E TREPA"; FLS.15: "PUTA"; "BOLINAR, ESFREGAR", VAMOS TREPAP AQUI MESMO" E FÔDA-SE PAI TOMAZ"; FLS.16: "TREPAP"; "PUTA" "PUTA" E "VEADO"; FLS.17: "SUA GRANDE PUTA EMANCIPADA", "NÃO SABE NEM TREPAP" E FLS.18: "PUTA".

Brasília, 03 de OUTUBRO de 19 68



JOSÉ SAMPATÓ BRAGA -
Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

P.46

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 378/68

PEÇA TÍTULO ORIGINAL: -/ DUTCHMAN /- (O PODER NEGRO)

ORIGINAL DE LE ROI JONES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 24 de JUNHO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 24 de JUNHO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

COM CORTES

M. - D. P. F. DEANBSB NS.CPR.TEAPTE.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

P. 47
/ 47

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -13-, de registro de peças

teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ DUTCHMAN /- (O PODER NEGRO)

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SO
É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CA -
RIMBADO PELO SCDP.

Original de LE ROI JONES

Tradução de FRANCISCO MARTINS

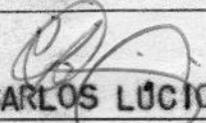
Adaptação de _____

Produção de SOCIEDADE CIVIL CULTURAL TEATRO OFICINA -SP-

Tendo sido censurada em 12 de FEVEREIRO de 19 68 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDA ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES NAS SEGUIN-**
TES FOLHAS (TEXTOS RESPECTIVOS): 04: **-"TREPAR COM VOCE";** 05: **"VOCE TENTOU COMER TUA**
IRMÃ QUANDO TINHA DEZ ANOS" E "AAAI, QUE SACO"; 10: **"BUCETA";** 11: **"NA BUNDA" E "TROCAR "**
IDÉIAS SOBRE A TÉCNICA DE TREPAR"; 13: **"E TREPA";** 15: **"PUTA", "BOLINAR, ESFREGAR", "VA-**
MOS TREPAR AQUI MESMO" E "FODA-SE, PAI TOMAZ"; 16: **"TREPAR", "PUTA", "PUTA" E "VEADO" ;**
17: "SUA GRANDE PUTA EMANCIPADA", "NÃO SABE NEM TREPAR", "BEIJA A MINHA BUNDA", "BEI-
JA A MINHA BUNDA, NEGRA", "BEIJA A MINHA BUNDA, NEGRA", "LEVANTA ESSA BUNDA", "LEVAN-
TA ESSA BUNDA" E, FLS. 18: "PUTA"

Brasília, 24 de JUNHO de 19 68


- CARLOS LÚCIO MENEZES -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres